

VIAGEM PELA HISTÓRIA
Subir o Danúbio é uma oportunidade para conhecer algumas das nações mais poderosas da história europeia, como a Hungria e o seu imponente Parlamento.

mundos sonhados

Danúbio

Navegar no centro da Europa

Marinheiros de água doce, fizemo-nos ao Danúbio. Da Hungria à Alemanha, sentimos a magia de Budapeste, a surpresa de Bratislava, o encanto de Viena e a beleza da vinha austríaca. Sempre a bordo de uma nuvem.

TEXTO DE PEDRO VILELA MARQUES | FOTOGRAFIAS DE CONSTANTINO LEITE



NOITES AZUIS

As opções de cenário para jantar são várias, seja com vista para a ponte Széchenyi, a mais conhecida de Budapeste, para o Palácio de Buda ou simplesmente para as margens do rio.



“Será que estamos no avião certo?” Sentado nos nossos lugares do voo entre Munique e Budapeste, um casal fazia-nos suspeitar se estaríamos realmente a caminho da capital húngara. Prontamente, a mulher levantou-se para nos dar passagem, de sorriso franco no rosto. Um riso contagiante que nos havia de acompanhar na semana seguinte. Sem o sabermos, estávamos na companhia de celebridades. Lidija Zambelli, uma croata de 42 anos, emigrada para a Alemanha há 36, e Roland Holtz, um alemão de cabelos loiros pelos ombros, dirigem um famoso teatro de marionetas em Darmstadt, perto de Munique. Cornélia, eurodeputada alemã. Tatiana, pintora de Frankfurt. Jost, o mais importante operador de câmara alemão, já nomeado para um Óscar. Todos eles passageiros também famosos de entre os 46 que iniciaram o cruzeiro no rio Danúbio que nos levou de Budapeste até Vilshofen, na Alemanha. Número a que se devem somar 33 membros da tripulação, para um total de 44 cabinas. «Quando vimos dois jovens vir na nossa direção, nunca pensámos que podiam pertencer à viagem.» De facto, quando chegados ao *River Cloud II* – Nuvem do Rio, em português –, o barco que haveria de ser o centro da viagem, percebemos que a média etária era não só muito superior à nossa, mas também à de Lidija, a autora do comentário.

O conceito deste cruzeiro no maior rio europeu passa precisamente por dar conforto e requinte a quem quer conhecer algumas das mais importantes cidades europeias sem a agitação dos aeroportos e das constantes mudanças. É como estar num hotel de cinco estrelas que se desloca para os locais que queremos visitar. Sem o fazer e desfazer de malas constante e com a agradável particularidade de se estabelecerem relações de proximidade com os restantes hóspedes com quem temos de partilhar os mesmos espaços e experiências. Ter a oportunidade de jantar sob as luzes do Parlamento húngaro ou com uma vista privilegiada para as margens do rio, sempre em constante mutação, pode custar cerca de três mil euros. Preços ao alcance de gostos de uma endinheirada classe média alemã ou belga, a maioria dos passageiros que participou na viagem. «Mas a oferta não é rígida, de todo», adverte Barbara Schicofsky, directora do cruzeiro. «Podemos fazer viagens temáticas, sobre Mozart ou chocolate, por exemplo, durante as quais paramos em locais ligados a esses temas. Há sempre também a hipótese de fazer viagens com grupos de uma mesma nacionalidade. Estamos abertos aos pedidos das operadoras.» Descrever o objecto desta viagem em particular atra-



vés da informação técnica é um recurso óbvio: o Danúbio tem cerca de 2.900 quilómetros de comprimento, é o segundo maior da Europa, nasce na Floresta Negra, na Alemanha, e desagua na Roménia. Utilizar metáforas conhecidas, como a do Danúbio Azul, que dá título à conhecida valsa de Johann Strauss, não passa de um cliché vazio. A imagem que realmente fica é a de um rio poderoso, de correntes fortes e pardacentas, nas margens do qual foram construídas algumas das civilizações mais prósperas e poderosas da humanidade.

«As noites de Budapeste/são noites de rock 'n' roll».

Mas os dias são de uma soturnidade surpreendente. Tomando em consideração a canção dos Mão Morta, que devem falar com conhecimento de causa, chegamos à conclusão que a cidade ganha verdadeira agitação depois do pôr do Sol. «Quando acompanhado pela pessoa certa, muitas portas podem abrir-se, com acesso a ambientes muito loucos.» Gabor Szabo fala em surdina de uma loucura

CALDO DE CULTURAS
Capital de um país quase sempre dominado por potências estrangeiras, Budapeste resulta da influência de diferentes impérios, do romano ao soviético, e da convivência religiosa.



Bratislava. Por todo o centro da cidade, desde a Porta do Arcanjo Miguel até à Catedral de S. Martinho, e acabando na verdadeira fortificação bélica que é a embaixada americana, as esplanadas enchem a cidade de um ruído excitado.

assente em álcool e mulheres. Tudo em doses perfeitamente franquiadas. À superfície, longe destes subterrâneos de gozo, Budapeste apresenta uma nobreza triste. A cidade divide-se em dois lados perfeitamente identificáveis: do lado esquerdo do Danúbio, Peste. Geométrica, artística, comercial, majestosa, construída à imagem de Paris ou, muito em particular, de Viena, apesar de não ser a capital do império austro-húngaro, Budapeste, tal como os cidadãos turcos, tinha um estatuto equiparado e está dividida em 23 distritos, tal como a sua congénere austríaca. Na margem oposta do rio, Buda, a cidade antiga, solene, herdeira de uma época em que era capital do reino. Construída na encosta de um monte, ao contrário de Peste, cuja planura convida a um confortável passeio de bicicleta.

Mais do que uma vez nos questionámos onde estariam os dois milhões de habitantes da cidade, que pareciam ter entregue o seu território a estrangeiros de máquina fotográfica em riste. «Os finais de tarde têm de ser animados», convencemo-nos, enquanto pensamos na música dos Mão Morta. Oito da noite. No distrito do Castelo, a parte mais elevada de Buda, as ruas estão completamente desertas. Junto do Bastião do Pescador – uma construção fantasista do princípio do século XX que é uma homenagem aos pesca-

dores que ocupavam aquela zona –, no adro da Igreja de S. Matias, local de coroação dos reis húngaros, ou na larga praça do Museu Militar, o cenário é melancólico: apenas os nossos passos ressoam no chão empedrado das ruas completamente desertas. Isto durante mais de meia hora. E nem a chuva persistente, mas fraca, ajuda a perceber a atitude dos budapestinos, pessoas que à primeira vista dificilmente se deixam amedrontar por chuviscos de Verão.

No miradouro situado atrás do Museu Militar, temos uma vista privilegiada para outro lado da cidade. Como que escondido atrás da montanha, o vale desvenda o reverso de Budapeste: mais cinzenta, onde o trânsito se acumula, sem *art nouveau*, barroco ou elementos renascentistas a cada esquina. Sem palácios magnânimos, igrejas ou óperas. Uma outra face já vista nos arredores de Peste, no caminho entre o aeroporto e o barco. Aglomerados de betão, estradas esburacadas, oleodutos e canos à superfície, *graffiti* nas paredes e ao longo do sempre presente caminho-de-ferro. O ambiente industrial contrasta em absoluto com a herança histórica e cultural que encontramos no centro da capital magiar. Aquele, faz-nos recordar que a Cortina de Ferro só foi retirada há menos de 20 anos. Em muitos casos, é como se ainda não tivesse sido derrubada.

RUAS VIVAS
O ritmo da capital eslovaca é marcado durante todo o ano por cerca de 70 mil estudantes universitários e pela diversidade de turistas que a visitam no Verão.





Cruzeiro. Verdadeiro hotel de cinco estrelas que se desloca para os locais que queremos visitar, sem o fazer e desfazer de malas constante e com a agradável particularidade de se estabelecerem relações de proximidade com os restantes hóspedes.



Essa é uma das explicações para este povo sentir que ainda tem de passar algum tempo para sorrir com confiança. O desdém em relação ao passado comunista é sentido. E sempre lembrado. «É preciso cortar com essa herança, mas há vícios que se mantêm, não só em quem está no poder, mas também nas cabeças das pessoas.» Não seria esta a última vez que ouviríamos críticas ao opressor soviético. O palco para Josef nos falar das recordações e consequências do socialismo real não podia ser mais apropriado: a praça do Parlamento, junto à qual milhares de pessoas foram fuziladas durante o levantamento contra a União Soviética iniciado por estudantes em 1956. Uma bandeira húngara com um enorme buraco ao meio evoca o acontecimento. Precisamente a bandeira de onde foi retirada a estrela vermelha soviética pelos estudantes da Universidade Técnica, situada no lado de Buda, bem encimada pelo Palácio Real húngaro, destruído pelos nazis no final da Segunda Guerra Mundial e hoje sede de museus de História e Arte.

«Não percebo porque fizeram eles isso», reconhece Maria, guia turística, que para mostrar proximidade em relação aos interlocutores portugueses adianta já ter participado numa visita do primeiro-ministro português José Sócrates. «Parece que esta é a nossa sina. Só uma vez na História conseguimos ganhar uma batalha, depois disso, perdemos todas onde entrámos e fomos quase sempre alvo de ocupações.» Triste sina, atrevo-me a pensar, sem o dizer a Maria. «Estás a ver tristeza em demasiados sítios. Talvez estejas a precisar de um pouco de vinho para alegrar.» Bonacheirão, Peter Hugo – ou François, como gosta que o tratem –, um sul-africano de 44 anos que participa no cruzeiro para verificar as condições



NUVEM DO RIO
O River Cloud II tem capacidade para 88 passageiros em 44 cabinas. Não só pelo serviço prestado, mas também pelas experiências que proporciona, é um topo de gama.



Viena. A primeira impressão do recém-chegado à cidade, especialmente ao primeiro dos seus 23 distritos, é de pequenez. Insignificância. Quase diríamos que é impossível não sentir espanto com o complexo de palácios dos Habsburgos.

para organizar viagens através da sua agência de Joanesburgo, sorri enquanto brinda ao jantar de gala de apresentação da tripulação aos passageiros. Anja Ringel, vice-presidente da Sea Cloud Cruises, apresenta uma ideia ainda melhor. «Não há ninguém para perceber melhor o que é a tristeza do que os portugueses. Porque é que não nos cantas um fado?» Nessa noite, já a caminho de Bratislava, houve serenata desafinada na ponte do navio.

Cidade marcada pela universidade, a capital da Eslováquia aproveita como poucas a excelente posição geográfica, não só pela proximidade do Danúbio, como por estar encravada a meio caminho entre duas vizinhas imperiais, Budapeste e Viena, das quais dista apenas 60 quilómetros, que tornam estas as capitais europeias mais próximas entre si. Durante os meses de Verão, Bratislava troca a boémia dos seus 70 mil estudantes pela dos turistas, que aproveitam as paragens dos muitos cruzeiros que obrigatoriamente ali aportam para conhecer a cidade. «É uma forma de os estrangeiros conhecerem uma cidade muito bonita, que provavelmente não visitariam de propósito, e que os pode fazer voltar», argumenta Anja.

Por todo o centro da cidade, desde a Porta do Arcajo Miguel até à Ópera, passando pela Catedral de S. Mar-

tinho, onde os reis magiares eram coroados durante a ocupação otomana da Hungria, e acabando em frente à verdadeira fortificação bélica em que se transformou a embaixada americana, as esplanadas enchem a cidade de um ruído excitado. Demasiado, por vezes. Um grupo de ingleses acabado de sair de um bar entoa a plenos pulmões canções de futebol, interrompidas apenas para lançar piropos de um charme austero a duas belas eslovacas que passam na direcção contrária. Os donos dos restaurantes na rua que desemboca na única porta da cidade ainda existente recebem um ataque de hooliganismo. Medo injusto. Os viajantes têm apenas sede de cerveja, não de violência, e acabam por refugiar-se logo ao virar da esquina, no bar irlandês.

«Vai chover, de certeza que vai. Depois não digam que não os avisei.» O alerta de Imre Gal, o chefe de hotel do navio, não é mais do que troca bem-humorada em relação aos três extravagantes jornalistas que se preparam para uma viagem de bicicleta entre o porto de Viena e o centro histórico – mais do que histórico, imperial – da cidade. Stefano de Francheschi, divertido italiano a realizar um documentário sobre o cruzeiro para a televisão eslovena, ri-se da advertência e é o primeiro a partir de tripé ao ombro.

CIDADE IMPERIAL
A escala de Viena, especialmente na área onde se destaca o complexo de palácios reais, é esmagadora, símbolo de um império que chegou a dominar grande parte da Europa.



CAPITAL DA CULTURA
A ligação de Viena a grandes compositores como Mozart ou Strauss é uma das imagens de marca da cidade, explorada até à exaustão pelo comércio local.

OPÇÕES VARIADAS

Viena conjuga cultura, beleza e atrações gastronômicas, tudo polvilhado com uma vida social cosmopolita, particularmente intensa no Triângulo das Bermudas e seus bares.



Viena. O encanto da cidade não passa apenas pela Catedral de Santo Estêvão, as óperas, Schonbrunn ou as marcas do império a cada esquina. Passa pelo fervilhar das ruas do distrito número um, o mais antigo da cidade, e pelas pessoas que o saboreiam.

Aparentemente, a aventura de meia hora parece destinada apenas para temerários que não receiam as ruas caóticas de uma das mais importantes e cosmopolitas cidades europeias. Mas por muito que quiséssemos gabar o heroísmo dos ciclistas urbanos, essa ideia é desfeita às primeiras pedaladas pela capital austríaca. Percebemos desde logo que as vias para bicicletas estão de tal forma organizadas que é possível ir até à Stephanplatz, bem no coração da cidade, sempre em ritmo de passeio. Sem correr o risco de atropelamento.

A primeira impressão do recém-chegado à cidade imperial, especialmente ao primeiro dos seus 23 distritos, é de pequenez. Insignificância. Aqui a escala é tudo. Enorme, avassaladora. Maior do que a vida. Quase diríamos que é impossível não sentir espanto com o complexo de palácios dos Habsburgos, a família real que deteve o poder durante séculos, até ao final da Primeira Grande Guerra, e que construiu um império que no seu auge chegou a ter 58 milhões de habitantes e a albergar 12 países. A moderna Áustria tem apenas pouco mais de oito milhões e está bem longe da época de ouro dos Habsburgos ou sequer do império austro-húngaro. Mas nem por isso os vienenses se sentem menos importantes no contexto económico e cultural europeu. E não apenas por continuar a ser um centro artístico por excelência, com centenas de irritantes sócias de Mozart a pular à volta dos turistas para vender bilhetes para os muitos concertos de música clássica que se realizam diariamente. Ou pelas dezenas de exposições de arte que podem ser vistas por toda a cidade, com especial destaque para a coleção de Gustav Klimt, patente no sobranceiro Palácio Belveder.





Alemanha. A etapa final do cruzeiro, entre Dornstein e Vilshofen, parece ser idealizada para os passageiros relaxarem e desfrutarem com tempo de todos os confortos do barco, depois das visitas a três capitais europeias em outros tantos dias.

Cultura também enquanto ponto de encontro de uma miscelânea de pessoas e tradições das mais diferentes partes do mundo. Precisamente o que encontramos no festival de cinema no Burgstheater. Logo na entrada da zona de restauração, polvilhada por *stands* com especialidades de vários países, somos ladeados por um grupo de jovens de origem turca. Em contraste com as cabeças cobertas por lenços tradicionais, as adolescentes não deixam de se apresentar como uma qualquer rapariga ocidental: base na cara, maquiagem marcada, quase excessiva, roupas berrantes. Sem desprezar as suas heranças culturais, representam ali uma ponte entre o tradicional e o moderno.

Abordamos uma mulher na casa dos 40 anos, sentada a comer uma especialidade grega. «Escusam de tentar seja o que for. Ela é casada.» Solícito e vindo do meio da multidão, o marido lança-nos um olhar de cordial repreensão. A tensão que nunca chegou a existir desvanece-se logo e descobrimos que Emile e Eliza são um casal búlgaro emigrado em Viena há dez anos. «Com o fim do bloco comunista, as condições de vida na Bulgária eram muito más, porque o país era muito ortodoxo e dependente da ajuda soviética e não tinha meios de subsistência», conta Emile, em jeito de justificação amargurada por ter abandonado a sua terra. Director de uma

empresa petrolífera, Emile representa bem o espírito do que é viver em Viena. «A cidade é lindíssima, tem imensa cultura e é muito segura.» Além disso, por se situar no centro da Europa, «está a pouco tempo de voo de casa».

O encanto de Viena não passa só pela Catedral de Santo Estêvão, as óperas, Schonbrunn – o palácio de Verão dos Habsburgos, a imitar Versalhes –, marcas de império a cada esquina. Passa pelo fervilhar das ruas no distrito número um, o mais antigo da cidade, pelas pessoas que o saboreiam. E ninguém tira maior partido do coração histórico de Viena do que aqueles que se concentram à noite no Triângulo das Bermudas, uma rua ladeada de bares em todo o seu comprimento. Despedidas de solteiro, grupos de turistas de caneca de cerveja na mão, mulheres vestidas a preceito para o jogo da sedução. «Não querem tirar uma fotografia connosco?», desafiam cinco delas, com cerca de 30 anos e olhares lânguidos. Este acabaria mesmo por ser o retrato final da cidade.

A última etapa do cruzeiro parece ser idealizada para os passageiros relaxarem e desfrutarem com tempo de todos os confortos do barco, depois das visitas a três capitais europeias em outros tantos dias. Aqui, é obrigatório o uso das espreguiçadeiras enquanto passamos pela região de



POR ESTE RIO ACIMA
Depois de passar pelo vale de Wachau, uma faixa de cerca de 30 quilómetros conhecida pelas suas vinhas, a cidade de Passau destaca-se pela igreja com o maior órgão do mundo.

Wachau, uma faixa de 30 quilómetros qualificada como Património Mundial pela UNESCO e onde se produzem alguns dos melhores vinhos austríacos. «Uau!» O espanto do numeroso grupo de belgas flamengos poderia ser causado pelas verdes encostas onde são colhidas as uvas que dão origem aos conhecidos vinhos de Dornstein. Até mesmo pela abadia de Melk a surgir no horizonte, mosteiro que alberga cerca de cem mil livros copiados à mão por monges. Mas não. A admiração é causada pelo sistema de elevação do barco, dez metros acima do nível normal da água, e que permite passar mais de vinte represas colocadas ao longo do percurso.

Ficar pelas cabinas climatizadas e decoradas em tons dourados, assistir a dez canais de televisão por satélite, pairar pelo *lounge* a beber um copo de champanhe ou recorrer ao serviço de massagens do barco são actividades para os que prescindam de ar livre. «A qualidade dos serviços é realmente excepcional», considera Barbara Schikofsky, que também tra-

balha com uma companhia de cruzeiros americana. A simpática alemã de pouco mais de 30 anos e cerca de 1,80m é, como a própria refere, «o elemento que controla a qualidade do serviço e garante que o produto é entregue ao cliente conforme foi projectado pela companhia».

Durante uma semana, essa missão foi cumprida à risca, com um profissionalismo germânico envolto em naturalidade. Pontualidade de refeições e saídas do barco regidas ao minuto, horários de excursões sincronizados com os cozinheiros, bebidas preparadas para o tempo frio e refrescos para combater o calor, pequenos chocolates deixados em cima da almofada, pormenores para que o passageiro sinta que é de facto capitão durante a estadia. Que parece não corresponder ao tempo real. Enquanto nos despedimos do *River Cloud*, com um Stefano emocionado abraçado a nós, não conseguimos deixar de pensar que um cruzeiro é afinal uma viagem de pessoas com lugares lá dentro. ■



E A HISTÓRIA ACABA
Vilshofen, na Alemanha, é o último porto da viagem. Mais ainda que as grandes capitais europeias, história e cultura, deixa-se para trás uma viagem recheada de pessoas.

mundos sonhados

DANÚBIO

Uma viagem deste género é muito mais do que turismo concentrado, sucessão de cidades e, muitas vezes, países a um ritmo diário. É muito mais do que história e cultura. Este cruzeiro é uma viagem recheada de pessoas, de interesses renovados, de conversas que nos surpreendem todos os dias.

COMO IR

A Top Atlântico (www.topatlantico.com) tem programas para o cruzeiro no Danúbio, a bordo do navio *River Cloud*, no seu livro *Mundos Sonhados*, a partir de 2.300 euros por pessoa em quarto duplo.

O BARCO

River Cloud II

São 44 cabinas com ar condicionado e dez canais de televisão por satélite, para uma capacidade máxima de 88 passageiros, mais 35 elementos da tripulação. O *River Cloud II* tem ainda *lounge*, sala de jantar, sala de estética e massagens, biblioteca, loja e uma zona de lazer no piso superior.

FUSO HORÁRIO

Todos os quatro países visitados
– Hungria, Eslováquia, Áustria e Alemanha
– GMT – 1 hora

PORTA-MOEDAS

A Hungria usa o florim e a Eslováquia a coroa eslovaca, embora esta vá aderir ao euro no próximo ano. Ainda assim, em muitos locais das capitais dos dois países pode pagar em euros. Áustria e Alemanha fazem parte dos países que aderiram à moeda única europeia. Jantar no Belcanto de Budapeste ou no Papparazzi de Bratislava nunca ficará por menos de 25 euros. A média de uma refeição nestes países situa-se entre os 15 e os 20 euros. Já se preferir apenas um café e um *Strudel* em Viena terá de desembolsar três euros, mais ou menos o que se paga por uma cerveja.

LOCAIS A VISITAR

Budapeste

Na parte de Peste pode deslocar-se de bicicleta sem grande esforço físico, já que esta é uma zona totalmente plana. No entanto, pode optar pela rede de metropolitano, a segunda mais antiga da Europa, logo após a londrina. Parlamento, Palácio Real, Igreja de S. Matias, Bastião dos Pescadores e Praça dos Heróis são locais a não perder na cidade.

Bratislava

Para conhecer o centro histórico de Bratislava a alternativa é mesmo andar a pé. A maioria das ruas são apenas pedonais, mas o ambiente alegre torna a tarefa agradável. Destaque para o castelo da cidade (séc. XI), Porta do Arcanjo Miguel, Ópera e Igreja de S. Martinho.



Viena

Além da organizada rede de ciclovias da cidade, será aconselhável recorrer ao metropolitano, que chega a todos os pontos importantes da cidade imperial. A lista de pontos imperdíveis é vasta: Catedral de Santo Estêvão, complexo de palácios imperiais, Palácio de Belveder e exposição de Gustav Klimt – sim, *O Beijo* também lá está –, Palácio Schonbrunn, Praça Schwarzenberger e Hundertwasser Village.

Outros pontos de interesse durante o percurso

Abadia de Melk, que guarda um acervo de mais de cem mil livros copiados à mão por monges; Ruínas de Dornstein, onde Ricardo Coração de Leão esteve encarcerado; Igreja de Passau, onde se encontra o maior órgão do mundo.

RESTAURANTES E BARES BUDAPESTE

Belcanto

O Belcanto aproveita o facto de estar situado junto à Ópera de Budapeste para inovar: os empregados de mesa são também cantores clássicos e, com sorte, pode ser brindado com uma ária a meio do jantar. Dalszínház Street 8, 1061 Budapeste
Tel.: (+36 1) 269 2786
E-mail: restaurant@belcanto.hu

BRATISLAVA

Papparazzi

Situado bem no centro de Bratislava, este restaurante/bar ocupa parte de um

edifício neoclássico do século XIX, que partilha com um dos bancos mais antigos da cidade. Fotografias na parede ilustram famosos apanhados em situações embaraçosas.

Laurinska, 81101
Bratislava
Tel.: (+421 2) 5464 7971
E-mail: papa@papparazzi.sk

VIENA

Demel

É um dos cafés mais conhecidos de Viena, cidade onde pode sentar-se a comer calmamente um *Strudel* acompanhado de café, à boa maneira austríaca. O Demel foi fundado em 1976 e o interior do edifício foi desenhado em estilo barroco.

Kholmarkt 14
A-1010 Viena
Tel.: (+43 1) 535 17 17 0
E-mail: wien@demel.at

Triângulo das Bermudas

Talvez não seja o melhor sítio para comer. Mas é com certeza o local privilegiado para encontrar boa disposição e diversão nocturnas. E para beber, claro. A regra nesta movimentada zona de bares bem no coração de Viena é beber as típicas canecas de cerveja, que custam cerca de três euros. E só corre o risco de perder o controlo se exagerar, porque a cerveja nestas paragens não é tão forte como a portuguesa.

NA INTERNET

www.askmaps.com
english.budapest.hu
goeurope.about.com

AGRADECIMENTOS

A Volta ao Mundo agradece à Top Atlântico e à Study Cruises o apoio prestado na realização desta reportagem.



www.topatlantico.com
Tel.: 707 227 700

